

Programa de formação eco-profissional para jovens: um espaço para a práxis transdisciplinar"

Dra. Ondalva Serrano

(Associação Holística de Participação Comunitária Ecológica - AHPCE)
ondalva@yahoo.com.br

Esp.Mônica Osório Simons

(Centro de Educação Ambiental de Guarulhos - CEAG
Serviço Nacional de Aprendizagem Comercial – SENAC
Prefeitura de Guarulhos – Seção Técnica de Desenvolvimento em Saúde
Secretaria da Saúde- STDS
Companhia de Aprendizagem – CETRANS)
ceag@terra.com.br

Resumo

Pautado nos Pilares e Princípios da Transdisciplinaridade, numa formação tripolar (auto, hetero e eco-formação), através de interações epistêmicas, práticas e simbólicas, para desenvolver os múltiplos aprenderes potenciais inerentes ao ser humano autopoietico, o Instituto Florestal de São Paulo através da RBCV – Reserva da Biosfera do Cinturão Verde da Cidade de São Paulo, em parceria com a UNESCO-MaB (Man and Biosphere), vem desenvolvendo desde 1996 o "Programa de Jovens - Meio Ambiente e Integração Social", que sob Coordenação Pedagógica da Dra Ondalva Serrano, já consolida uma rede de 9 Núcleos. O presente trabalho apresenta alguns dos resultados da aplicação concreta do método transdisciplinar, enquanto um dos frutos do pioneirismo visionário do CETRANS em busca da sustentabilidade e humanização planetária.

Palavras-chave: Formação; Práxis transdisciplinar; Formação eco-profissional; Consumo responsável; Ecomercado de trabalho.

Contextualizando percepções

*“Sonhamos com um mundo ainda por vir,
onde não vamos mais precisar de aparelhos eletrônicos,
com seres virtuais para superar nossa solidão,
e realizar nossa essência humana de cuidado e gentileza (...).
Sonhamos com o cuidado assumido como o ethos¹ fundamental do humano
E como compaixão imprescindível para com todos os seres da criação”*

(BOFF, 1999, p.13)

Começarmos com este epígrafe nos leva a refletir sobre que mundo é este que construímos, que nos apresenta um belo e ao mesmo tempo vazio discurso de progresso, bem estar e qualidade de vida quando na realidade isto não é verdadeiro, nem mesmo para aquela pequena porção da humanidade que se constitui em poder minoritário hegemônico sobre todo o resto, haja visto, por exemplo, o alto índice de doenças atreladas ao stress encontrado entre eles!

Na mesma proporção em que foi crescendo a nossa habilidade de lidar com máquinas cada vez mais sofisticadas e complexas fomos perdendo a nossa capacidade de nos relacionarmos uns com os outros; na medida em que fomos fazendo do nosso trabalho criativo algo a ser barganhado, como uma mercadoria qualquer, atendendo muito mais aos apelos do consumo e às

¹ Ethos (gr. costume) palavra que se refere aos usos e costumes de um grupo. (SANSON in http://www.suigeneris.pro.br/filo_sanson.htm, acessado em 25/03/05)

questões de sobrevivência do que a plenitude da vida fomos enveredando por um paradoxal processo de barbarização que assusta, preocupa e mobiliza a todos os que acreditamos que a trajetória do ser humano no Planeta Terra tem vocação para a sustentabilidade, a plenitude e a paz., a despeito das trágicas marcas da nossa trajetória no caminho que vimos percorrendo até agora. É neste contexto que se insere o “Programa de Jovens – Meio Ambiente e Integração Social”, da Reserva da Biosfera do Cinturão Verde da Cidade de São Paulo, que é parte integrante da grande Reserva da Biosfera da Mata Atlântica brasileira.

Quando hoje nos defrontamos com sistemas sócio-econômicos tão problemáticos e complexos beneficiando a uma camada tão restrita da humanidade enquanto a grande maioria não tem acesso a nenhuma das benfeitorias proclamadas pelo sistema, entendemos haver uma situação paradoxal onde uma natureza fornecedora de todo o bem, do qual o homem precisaria, muda sua condição de centro de nossa existência numa estreita relação de interdependência para uma condição de subserviência na qual, sendo objetivada, passa a ser literalmente manipulada com finalidades puramente consumistas, principalmente pelo homem ocidental que dela vem se proclamado separado para melhor poder estudá-la, analisá-la e finalmente usá-la.

Esta condição de separação leva Grün (1996, p.51), a afirmar que *“é na base desse dualismo que encontramos a gênese filosófica da crise ecológica moderna, pois a partir desta cisão a natureza não é mais objeto passivo à espera do corte analítico. Os seres humanos retiram-se da natureza”*.

Obviamente esta relação alienada entre homem e natureza, hoje potencializada pelo modelo econômico neoliberal, com *“gente que faz do capital econômico o seu único centro e valor, tendo como seu único totem a mercadoria”*, (Almeida, 1988, p. 80), traz sérias conseqüências contemporâneas que vem colocando em risco a sobrevivência de toda a biota planetária, o que inclui a própria família humana da qual os representantes do poder hegemônico minoritário também fazem parte. Neste cenário são, justamente, os jovens as principais vítimas, principalmente nas grandes metrópoles, por se encontrarem em processo de conformação de identidade contando, geralmente, com padrões totalmente deturpados como única referência.

Ao escrever estes parágrafos, vem então, à nossa memória um provérbio indígena de autor desconhecido, com o qual tomamos contato em alguma das muitas leituras da nossa trajetória enquanto ambientalistas, que acreditamos possa ilustrar este estado da arte: *“somente depois da última árvore ter sido derrubada, depois do último animal ter sido extinto e quando atingirem o último rio poluído sem peixes o homem irá ver que dinheiro não se come”*.

Desconstruindo o status quo.

O Cinturão Verde da Cidade de São Paulo, declarado reserva da Biosfera pela UNESCO em 1994, abriga enorme biodiversidade (Mata Atlântica) e os serviços de ecossistemas, como água, ar, conhecimentos, controle de enchentes e doenças, regulação climática, espaços para lazer e biodiversidade que garantem o bem estar de mais de 10% da população brasileira.

As zonas periurbanas da região apresentam as melhores condições ambientais e os piores índices de exclusão social. O “Programa de Jovens – Meio Ambiente e Integração Social”, proposto em 1996, visa a formação ecoprofissional de comunidades carentes do Cinturão Verde e o fomento do ecomercado de trabalho e da geração de renda para essas populações, em modalidades como ecoturismo, reciclagem, agroindústria artesanal, educação ambiental, produção e manejo agroflorestal sustentável.

O Programa possui 9 núcleos de educação eco-profissional em 7 municípios, numa rede que envolve cerca de 50 técnicos/professores e que já formou mais de 700 alunos, gerando centenas de oportunidades ecoprofissionais remuneradas nas modalidades já citadas.

A ausência de modelos e políticas para o enfrentamento da problemática sócio-ambiental urbana e periurbana só diminui as perspectivas futuras do estabelecimento de cidades sustentáveis e é neste contexto que o Programa de Jovens, investe na criação de um novo modelo de sustentabilidade para essas regiões: combater a pobreza ao mesmo tempo em que se conserva e recupera as condições socioambientais periurbanas.

O desenvolvimento de ecomercados de trabalho e economias de qualidade no Cinturão Verde (onde se situam importantes áreas protegidas), tende a diminuir a pressão sobre o ambiente e seus serviços. No caso do Programa de Jovens, ainda que em pequena escala, visa sua restauração a partir do envolvimento e empoderamento de setores carentes da sociedade.

Esse processo culmina no desenvolvimento de habilidades comunitárias para práticas ambientalmente sustentáveis e geradoras de renda. Diversos exemplos no histórico do Programa de Jovens, especialmente na área do ecoturismo, demonstram que os ingressos auferidos por vários adolescentes chegaram a quadruplicar a renda familiar. Por outro lado, os resultados vão além do aspecto financeiro ao trabalhar os jovens na sua complexidade global, contribuindo para o desenvolvimento da sua criticidade, criatividade, senso de co-responsabilidade e fortalecimento da sua auto-estima, promovendo em muitos casos a agregação familiar e diminuição de problemas como o da drogadição, tão comum nesta camada da sociedade.

O alicerce da práxis transdisciplinar na reconstrução

“A subjetividade humana esta se reorganizando a partir de outras maneiras de se perceber, de perceber o real e, também de conhecer. A complexidade, a diversidade, a fugacidade e a exceção, desconsideradas até então, passam a ser vistas como desafios à serem compreendidos. Os sujeitos deixam de ser concebidos somente como seres racionais, centrados no eu, com uma identidade estática e começam a ser reconhecidos como seres paradoxais, em processo de recriação constante a partir de relações dialéticas que estabelecem consigo mesmo, com outros sujeitos, com a natureza e com o real.

(FURLANETTO, 2004)²

A Transdisciplinaridade concebida como uma teoria do conhecimento, como uma nova atitude, pode também ser entendida como uma arte, no sentido da capacidade de articular a multireferencialidade e a multidimensionalidade do ser humano e do mundo, sendo necessário que para tal, aprendamos a interpretar as informações provenientes dos diferentes níveis que compõem o ser humano e como eles influenciam uns nos outros.

Tomar contato com a Transdisciplinaridade leva a uma gradativa transformação integradora do olhar, tanto sobre o individual quanto sobre o social, propiciando uma respeitosa reflexão sobre a trajetória sócio-histórica das culturas, na busca da compreensão do que hoje significa trabalharmos pela sustentabilidade, pelo que entendemos que a mesma cumpre um vital papel integrador das dimensões mais internas do ser humano condizentes com a necessária visão sistêmica, na busca de práticas sócio-ambientais sustentáveis.

É com base nestas características, que o Programa de Jovens tem desenvolvido toda sua estrutura metodológica pautado nos pilares e princípios da Transdisciplinaridade: Níveis de

² in Interdisciplinaridade: pesquisa e formação do pesquisador. Texto apresentado no Coloquio: A Interdisciplinaridade e os saberes a ensinar. Chile, 2004

Realidade: no reconhecimento da impossibilidade de concebermos o mundo dos jovens atendidos pelo Programa, preso e restrito a um único nível de realidade; Complexidade, no sentido não de complicado mas de aquilo que se inter-relaciona, se interliga, se complementa, tal como a enorme diversidade de nuances implícitas na realidade em que os jovens transitam refletindo-se na complexidade de seus comportamentos; e a Lógica do Terceiro Incluído, que possibilita o trânsito entre os infindáveis níveis componentes da realidade, apresentando a figura de um terceiro elemento incluído no todo, consolidando um novo plano de realidade, com base na tensão provocada pelos tradicionais pares contraditórios propostos pela ciência moderna, vindo de encontro a uma necessidade premente de encontrar formas de diálogo trans-cultural, e trans-religioso, que, respeitando as individualidades e ao mesmo tempo as diferenças, encontre convergências que vitalizem a busca por novas formas de nos comunicarmos com os jovens ajudando-os a acreditar na possibilidade de que é possível construir o mundo com amorosidade, resgatando-se, desta forma, o sentido do sagrado, da aventura que é viver

Entrando agora no mérito dos princípios da Transdisciplinaridade, conforme o artigo número 14 da Carta da Transdisciplinaridade, eles também são três, a saber: Rigor, Abertura e Tolerância, enquanto característica fundamental da atitude transdisciplinar.

Conforme Nicolescu, (1999, p. 129) o Rigor “*é, antes de mais nada, o rigor da linguagem na argumentação baseada no conhecimento*”, sendo também “*a procura do lugar em mim mesmo e no outro no momento da comunicação*”, (ibid. p.130) se constituindo em busca permanente sempre alimentada por novos saberes e experiências, das quais os jovens são possuidores e ao mesmo tempo havidos. A Abertura, por outro lado, implica na “*aceitação do desconhecido, do inesperado e do imprevisível*”(ibid, p.130). No sentido mais transdisciplinar, Nicolescu também afirma que se deve entender a abertura como a “*recusa de todo dogma, de toda ideologia, de todo sistema fechado de pensamento*” (ibid. p.131), implicando assim na possibilidade do surgimento de um novo tipo de pensamento, “*tanto para as respostas quanto para as perguntas*”. (ibid. p.131). Finalmente a tolerância implica na constatação e aceitação de idéias ou verdades diferentes, desenvolvendo a habilidade de inclusão e acolhimento integrador.

Percebemos então que os pilares e princípios transdisciplinares trazem implícitas em si as características necessárias para que possa ser desenvolvido um trabalho realmente integrador e ao mesmo tempo de absoluto respeito pela condição tão particular que os jovens contemporâneos enfrentam hoje, fazendo com que façam parte de círculos viciosos que paradoxalmente os colocam na condição concomitante de vítimas e culpados.

É na convicção deste potencial transformador da transdisciplinaridade que os membros do CETRANS, nas suas diversas áreas de atuação profissional vem buscando a consolidação de uma práxis transdisciplinar, sendo o caso específico de alguns dos técnicos do Programa de Jovens que, participando das atividades da Companhia de Aprendizagem CETRANS³, vem tendo condição de melhor fundamentar e aprimorar a qualidade do trabalho realizado junto aos participantes do “Programa de Jovens – Meio Ambiente e Integração Social”.

³ A Companhia de Aprendizagem CETRANS é um projeto experimental, em seu terceiro ano de existência, que nasceu em continuidade aos cursos oferecidos pelo CETRANS, em 2002, composto por pessoas que atuam em diferentes áreas profissionais, interessadas no aprofundamento da reflexão sobre os pilares e princípios da transdisciplinaridade

Uma ultima palavra

Acreditamos que mesmo entendendo que a Transdisciplinaridade não se constitui em verdade única, podemos concluir este artigo, fazendo nossas algumas das palavras do Prefácio da 2ª edição do Manifesto da Transdisciplinaridade de Basarab Nicolescu: “*A reconstrução de velhas pontes e a criação de novas, que a abordagem transdisciplinar permite, poderá contribuir para que a Educação e o mundo tornem a encontrar o encantamento perdido.*” Os resultados obtidos no Programa de Jovens – Meio Ambiente e Integração Social”, permeado pela práxis transdisciplinar são a prova disto.

Referências bibliográficas

ALMEIDA, Jozimar Paes de – *A extinção do arco-iris: ecologia e história* – Campinas, São Paulo: Papirus, 1988

BOFF, Leonardo, *Ética da Vida*. São Paulo: Letraviva, 1999

FURLANETTO, Ecleide. C – *Como nasce um professor* – São Paulo: Paulus, 2003

GRÜN, Mauro. *Ética e Educação Ambiental: a conexão necessária*. Campinas, São Paulo: Papirus, 1996

NICOLESCU, Basarab. *Manifesto da Transdisciplinaridade*, São Paulo: Triom, 1999